

Hubert, Henri (2021) [1902]. A Magia no Mundo Greco-Romano. Edição bilíngue e crítica. Texto editado por Rafael Faraco Benthien e Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: Edusp.

Felipe Boin

Doutorando em Antropologia Social/Universidade Federal de Santa Catarina

<https://orcid.org/0000-0001-6751-6093>

[fboutin@gmail.com](mailto:fboutin@gmail.com)

Assim como outras publicações da Biblioteca Durkheimiana, a obra “A Magia no Mundo Greco-Romano” escrita por Henri Hubert (2021) [1902] chega ao Brasil em uma edição bilíngue pela Editora da Universidade de São Paulo. O texto em francês foi reproduzido e traduzido diretamente da publicação original. A obra conta ainda com dossiês críticos e anexos documentais, possibilitando ao leitor um olhar atento e aprofundado sobre o cenário de produção da obra original, bem como sua recepção e desdobramentos.

Membro da Escola Sociológica Francesa, Henri Hubert (1872-1927) ainda é relativamente desconhecido no cenário acadêmico brasileiro, aspecto que ressalta a importância desta publicação para trazer à tona a relevância do autor. Henri Hubert foi o terceiro autor mais ativo na revista *L'Année Sociologique*, ficando atrás apenas de Émile Durkheim, fundador da revista, e Marcel Mauss, com quem publicou o ensaio “Sobre o Sacrifício” em 1899. Hubert também foi docente na École Pratique des Hautes Études (EPHE), se dedicando ao ensino das ciências religiosas, além de ter trabalhado no Museu de Antiguidades Nacionais (*Musée d'Antiquités Nationales*). É também com Marcel Mauss que Henri Hubert irá publicar o “Esboço de uma Teoria Geral da Magia” em 1904, possivelmente sua obra de maior destaque.

“A Magia no Mundo Greco-Romano” (2021), apenas *Magia* no original [1902], traz um estudo monográfico sobre a magia na Antiguidade clássica sendo publicado como um

verbete no *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines* [Dicionários das Antiguidades Gregas e Romanas] (DACG), no qual o autor também publicou o verbete *Kyrène* (Cirene) [1899] que se encontra anexo nesta versão brasileira. Podemos considerar que Henri Hubert, por meio de “A Magia no Mundo Greco-Romano”, dá início a sua exploração no campo da sociologia da religião comparada e à análise de temas relacionados à história das religiões.

Nesta edição brasileira, após a apresentação da obra central, encontramos uma seleção de anexos documentais e aparatos críticos que enriquecem a publicação. Na seção “Dossiê Crítico”, composta por três capítulos, o primeiro texto é de Semíramis Corsi Silva, autora estudiosa da magia greco-romana cujas obras tiveram impacto direto do “Esboço de uma Teoria Geral da Magia” de Marcel Mauss e Henri Hubert [1904], bem como do verbete “A Magia no Mundo Greco-Romano” [1902] apresentado nesta resenha. A autora propõe uma análise da sociedade greco-romana e sua magia a partir das obras de Apuleio e Filóstrato (como foco em Apolônio de Tiana) e, em sua análise, explora os destaques e lacunas da contribuição de Hubert. A maior crítica de Silva à obra de Hubert é que essa “talvez tenha deixado a desejar uma exploração maior da cultura material” (Silva, 2021, p. 209). Em seguida, no segundo capítulo do dossiê, Rafael Faraco Benthien, um dos coordenadores da coleção, nos apresenta o contexto da publicação da obra e detalhes sobre a enciclopédia DAGR, como sua periodicidade e conteúdo, o lugar da sociologia na enciclopédia e, é claro, a participação e as publicações de Henri Hubert. O terceiro capítulo apresenta aos leitores uma biobibliografia de Henri Hubert.

Por fim, encontramos na seção de anexos um conjunto de cartas que se refere às discussões sobre o verbete “Magia” aqui apresentado, bem como a tradução do verbete “Cirene”, também de autoria de Henri Hubert [1899]. O verbete versa sobre a deusa de Cirene, cidade grega de grande importância, bem como os mitos e os ritos relacionados à deusa. Conclui-se que enquanto “Cirene” aborda um material etnográfico específico, em “Magia” encontramos um foco comparativo, onde Henri Hubert já desenvolve argumentos que seriam explorados em profundidade em “Esboço de uma Teoria Geral da Magia” [1904].

A proposta de “A Magia no Mundo Greco-Romano” (2021) [1902] fica clara nas primeiras linhas: definir, ainda que de maneira provisória, a classe de fenômenos díspares que são entendidos como magia. A dificuldade da análise do fenômeno mágico resulta da falta de parâmetros de comparação bem estabelecidos.

A descrição analítica de Hubert se inicia com a exploração de diferentes palavras, como magia, feitiçaria e bruxaria, comumente utilizadas para se referirem ao fenômeno

mágico, ainda que suscitem diferenciações entre alta e baixa magia, sendo a primeira benigna e nobre, enquanto a segunda é tratada como maligna e baixa. Hubert explora a concepção que diversos autores possuem sobre essa questão, dentre eles Santo Agostinho e Porfírio, de forma a evidenciar como entre os gregos e os latinos a diferença entre termos é mais uma diferença de grau. Ainda no campo da diferenciação, apesar da utilização de diferentes termos, tais práticas designam uma classe única de fenômenos. Essa abordagem comparativa permanece durante todo o texto, sustentado pela análise de comentários e teses de especialistas.

Dando continuidade, temos o apontamento de que as práticas mágicas têm por objetivo alterar os acontecimentos que são esperados de certos eventos, sem que o mago solicite a interferência de um intermediário religioso. Em outras palavras, um ato mágico objetiva vantagens inusitadas e que não seriam alcançadas por meios sociais, como através do contato com um sacerdote. Diversos exemplos de magias são apresentados pelo autor, das mais simples às mais complexas, passando pela diferenciação entre astrologia e alquimia, bem como abordando a arte da adivinhação e as manifestações oraculares e os papiros mágicos. Há de se apontar, porém, que mesmo no âmbito da religião dos gregos e romanos também existiam procedimentos divinatórios. A partir desse apontamento e semelhança entre práticas mágicas e religiosas, o autor adentra propriamente em sua análise sobre a distinção entre magia e religião e evidencia que a fronteira entre esses fenômenos é difícil de ser fixada ao considerarmos os episódios mágicos ou religiosos em si. O diferencial, de acordo com o autor, ocorre na observação de que entre magia e religião existe uma distinção de ordem jurídica, sendo a magia essencialmente ilícita e tida por ilegal entre os gregos e romanos, enquanto a religião se mantém no âmbito da legalidade. Assim, é a autoridade legal que dissocia a magia da religião.

Em seguida, o autor apresenta dados mitológicos e históricos da magia greco-romana. A mitologia proporciona uma compreensão sobre a extensão do conceito de magia, enquanto os dados históricos fornecem informações sobre a técnica das artes mágicas já praticadas. Na mitologia encontram-se referências a figuras lendárias, como Circe, Medeia e Agamede, magas mitológicas. Acerca dos dados históricos e da prática da magia na Grécia, Hubert declara haver pouca informação, sendo a principal referência da magia grega antiga a existência dos chamados goetas, uma classe de bruxos populares e charlatões. Paralelamente, algumas regiões da Grécia, como a Tessália e a Trácia, eram tidas como reservatórios de magia, terra dos magos, dos milagres e dos encantos.

Das práticas mágicas conhecidas, a que mais se destaca é a magia órfica, associada à figura do mago Orfeu do século V a.C. O destaque aqui se dá pelo fato da magia órfica

ser, apesar da nomenclatura, fundamentalmente um fenômeno religioso cuja tradição era utilizada por magos de maneira secundária. Sob essa ótica, torna-se tarefa difícil distinguir os textos órficos dos textos mágicos e alguns poucos elementos sobre a relação entre o orfismo e a magia são pontuados pelo autor. O orfismo, por sua configuração, tende a magia, ainda que seja um fenômeno religioso. Portanto, é capaz de confundir-se facilmente, contribuindo para a ampliação do que é entendido como fenômeno mágico.

A análise do autor prossegue demonstrando como a Grécia foi, progressivamente, aprendendo elementos, práticas e doutrinas religiosas de civilizações orientais. Essa amálgama religiosa resultou também na presença de elementos que eram opostos ao plano religioso, dando forma a magia que, por sua própria configuração, pode ser compreendida como uma combinação de elementos de “religiões heterogêneas, espécie de sincretismo individual e arbitrário” (Hubert, 2021, p. 69).

Desta formulação, desprende-se outra importante característica do fenômeno mágico: a magia era usualmente tida como uma prática estrangeira da sociedade em que era praticada. A ilegalidade da magia, portanto, se desdobra exatamente em seu caráter estrangeiro. “A magia, em qualquer sociedade, é a prática dos estrangeiros” (Hubert, 2021, p. 71). Disso, fica claro ao leitor que a magia não difere da religião em sua teoria ou prática, mas a distinção entre os âmbitos da magia e da religião se dá na incompatibilidade da primeira em relação aos costumes e ao sistema de ideias e práticas valorizados pela segunda.

O autor dá continuidade a sua exposição passando para a história da magia na Roma antiga, demonstrando que as melhores descrições sobre as cerimônias mágicas desta época e região encontram-se na poesia grega. Igualmente ao cenário grego, a magia em Roma estava vinculada às práticas estrangeiras que surgiram em Roma após a Segunda Guerra Púnica. Ali, encontrava-se uma feitiçaria popular, misturada com ritos da vida doméstica, magia médica e magia rural. Entretanto, de maneira similar, existiam leis que proibiam a prática mágica em Roma. Por sua vez, Hubert evidencia que os imperadores romanos utilizavam e se interessavam por magia, desde que o uso de tais conhecimentos fosse restrito a eles. A ilegalidade da prática mágica desponta, evidentemente, como uma forma de controle dos que podiam e dos que não podiam utilizá-la.

Apesar do sincretismo entre magia e religião, os critérios estabelecidos por Grécia e Roma para diferenciar o mágico do religioso se tornaram, progressivamente, mais presentes. Em termos práticos, se para os magos, muitas vezes, a diferença entre anjos e demônios era uma diferença de grau, para os religiosos a diferença entre tais seres é, e sempre será, absoluta. Enquanto a religião seria a principal responsável por atuar no

âmbito do divino e do sagrado, a magia (e aqui incluem-se todas as formas de paganismo) atuava no âmbito do demônio e do profano. Com o advento do cristianismo como religião oficial, as leis sobre a magia passaram a ser seguidas à risca.

Hubert prossegue a sua descrição analítica acerca do fenômeno mágico apresentando aos leitores os livros mágicos - e aqui o autor discute durante algumas páginas detalhes de textos e de papiros, bem como apresenta os principais autores que publicaram tais obras. Dando continuidade, explora quais seriam as principais fontes e elementos que dão forma ao que é entendido como a magia greco-romana: a escola persa (que se inicia com Zoroastro, que recebeu a alcunha de pai da magia pelos gregos); a escola judia (cujos conhecimentos são atribuídos a Moisés); a escola cipriota (cujos conhecimentos advém do Chipre); e a escola egípcia (na qual coroa Hermes como seu patrono). Ainda que as três primeiras tenham contribuído com as principais escrituras para o autor é, sem dúvidas, do Egito de onde provém um sistema de magia já definido.

Na seção posterior, nos deparamos com o estudo dos procedimentos da magia, com o objetivo de evidenciar aspectos comuns e específicos de distintas manifestações mágicas. “Todo ato mágico tem por finalidade colocar seres vivos ou coisas em um tal estado que certos gestos, certos acidentes ou certos fenômenos devem seguir-se infalivelmente (...)” (p. 107). Eis a definição do ato mágico que, de maneira geral, independentemente de suas distintas operações (exorcismo, licantropia, fascinação) seguem o princípio da simpatia, onde contiguidade e similitude tornam-se identidade. Também encontramos aqui a concepção de que uma das preocupações centrais da magia é determinar as qualidades específicas dos seres vivos e de objetos, sejam plantas, animais, rochas, incensos, entre outras. As substâncias mágicas são tomadas como veículos de ações simpáticas e inclusive nomes de deuses tornam-se instrumentos passivos, distinguindo-se assim de maneira acentuada do âmbito religioso, no qual os deuses são onipotentes, ativos e guiam os seres humanos, sendo impossível - e perigosa - a concepção de que eles podem ser controlados por magos. Vale apontar que durante a descrição dos procedimentos mágicos, Hubert declara que a própria ideia de magia simpática, a qual pressupõe a similaridade de identidade entre o nome e a coisa nomeada, é uma ideia de ordem científica e filosófica. O autor pontua ainda que existem elementos de metafísica que se aplicam na magia, os quais não se aplicam na ciência, como por exemplo a especulação sobre influências planetárias e o estudo de princípios alquímicos.

Esta relação entre magia, ciência e metafísica é adequadamente explorada na conclusão de “Esboço de uma Teoria Geral da Magia” [1904], de Hubert e Mauss. Nesta obra, os autores apontam que enquanto a religião inclina-se ao abstrato e à metafísica,

concentrando-se na criação de imagens ideais, a magia tende ao concreto e dedica-se a conhecer a natureza, sendo fundamentalmente uma arte do fazer, aproximando-se assim das ciências e das técnicas.

O poder do mágico compõe outro tópico de análise de Hubert. A questão é clara: de onde vem o poder do mago? É um dom pessoal? Crianças e mulheres são mais propensas à magia do que homens? Alguns aspectos devem ser apontados. Primeiro, a magia é transmitida de indivíduo a indivíduo em forma de iniciação. A aptidão do neófito é dada por revelação cosmológica, através de sonhos, por exemplo. A concepção é a de que “o mago retira sua potência de seu conhecimento das forças da natureza” (Hubert, 2021, p. 135). Há, ainda, a concepção do universo como um *continuum*, o que implica que todo objetivo mágico faz parte de uma série complexa de eventos e cabe ao mago somente atuar sobre o elemento mais abordável deste sistema de forma a afetar o todo e alcançar o seu propósito.

É importante declarar também que, para Hubert, o mago é consciente de que seus procedimentos mágicos podem ser inexatos e que o objetivo pode não ser alcançado, percalços e contramagias podem surgir etc. Caso a não realização do objetivo ocorra, o mago passa a agir com espíritos capazes de atuar a seu favor, seja à força, de livre vontade ou por negociação. Dentre esses espíritos e seres mágicos encontram-se demônios, anjos, almas de antepassados, entre outros. Novamente há aqui uma separação entre a atuação religiosa e mágica. Enquanto a primeira tem como foco manter demônios afastados, os magos empregam todos os seres mágicos - inclusive os demônios - ao seu serviço. Isso também vale para os deuses, que são forçados pelos magos (pois esses sabem os seus verdadeiros nomes) a realizar o evento mágico solicitado.

O ponto de destaque da exploração de Hubert é a indicação de que essa figura religiosa, “o deus, não é uma potência livre; ele é qualificado pela sociedade; as necessidades da sociedade definiram as suas funções” (Hubert, 2021, p.163). O ser mágico, por sua vez, denota uma potência livre, atrelada apenas à magia, movendo-se nas bordas da sociedade e tomando a direção oposta. “Ela parece ter por objetivo especial ultrapassar os limites fixados pela religião e abusar das forças perceptíveis” (Hubert, 2021, p. 163). É, portanto, a ausência do elemento sociedade que distingue a magia da religião.

O autor também tece alguns comentários importantes sobre as cerimônias mágicas, explicitando como o mago deve se relacionar com as distintas séries de espíritos, os gestos necessários, as purificações, bem como os momentos corretos para a realização do ato mágico. De maneira similar a religião, a magia também é detentora de locais sagrados e, na maioria das vezes, tais locais são semelhantes entre tais fenômenos, sendo a principal

diferenciação o fato de que magos buscam realizar suas cerimônias em locais classificados como impuros pela religião: encruzilhadas e cemitérios. Além disso, instrumentos mágicos também devem ser empregados na condução da cerimônia. Encontram-se aqui objetos como talismãs, anéis, mas principalmente a varinha, que atua como condutora da vontade do mago.

A respeito dos ritos, por fim, Hubert aborda a centralidade dos sacrifícios na magia e como esses se comparam com os ritos religiosos. A proposta do autor é apresentar novamente as aproximações e distanciamentos desses fenômenos. Ainda, ressalta, que o panteão mágico é caótico e desorganizado - principalmente por ser retirado de distintas religiões e misturado de forma aparentemente arbitrária. A religião, por sua vez, tende a possuir um panteão de divindades fechado e bem definido.

Encerrando a obra, o autor ressalta que a cerimônia mágica greco-romana é composta por elementos similares àqueles da cerimônia religiosa, podendo o rito mágico, inclusive, ser pensado como uma cerimônia religiosa invertida. Tal interpretação se dá, já que “o mecanismo dos ritos é o mesmo, mas ela age no sentido oposto” (Hubert, 2021, p. 201). A importância conferida aos agentes e participantes de cada fenômeno é distinta e a diferença principal entre a religião e a magia acontece por meio das funções que cada um desses fenômenos ocupa na vida social. Por definição, o sagrado é uma força impessoal. O que a magia faz é transgredir os limites do que é permitido pela lei e sociedade, transformando o sagrado coletivo em uma força individual.

A obra “A Magia no Mundo Greco-Romano” de Henri Hubert, agora disponível em uma edição bilíngue pela Editora da Universidade de São Paulo, representa não apenas uma tradução, mas uma oportunidade única para os leitores brasileiros explorarem as complexidades do pensamento do autor sobre a magia na Antiguidade clássica. O texto, acompanhado por dossiês críticos e anexos documentais, oferece uma visão detalhada do contexto de produção da obra original e de suas repercussões. Esta publicação também destaca a importância de Henri Hubert dentro do campo da sociologia da religião comparada, introduzindo os leitores brasileiros ao legado intelectual de um dos principais colaboradores da Escola Sociológica Francesa. Por meio de uma análise minuciosa e comparativa, Hubert desvenda não apenas os aspectos práticos da magia greco-romana, mas também suas implicações sociais e culturais, reforçando a distinção entre magia e religião, cujas diferenças decorrem de suas funções na vida social.

### Referências

Hubert, Henri. (2021) [1902]. *A Magia no Mundo Greco-Romano: edição bilíngue e crítica*. Texto editado por Rafael Faraco Benthien e Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: EDUSP.

Mauss, Marcel; Hubert, Henri (2015) [1904]. Esboço de uma Teoria Geral da Magia. In MAUSS, M. (ed.), *Sociologia e Antropologia* (pp. 45-179). São Paulo: Cosac Naify.

Silva, Semíramis Corsi. (2021). Magia, Filosofia e Poder na Teurgia de Apuleio e Apolônio de Tiana. In. Hubert, Henri. (2021) [1902]. *A Magia no Mundo Greco-Romano: edição bilíngue e crítica*. Texto editado por Rafael Faraco Benthien e Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: EDUSP.

Recebido em 24 de janeiro de 2024.

Aceito em 29 de março de 2024.